

AS PRÁTICAS ORAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II E SUA RELAÇÃO COM O CONCEITO DE SILENCIAMENTO

Karolaine da Silva Alves (UFERSA)¹
Luciana Dantas Mafra (Orientadora/UFERSA)²

RESUMO

No ensino da língua portuguesa, trabalhar pedagogicamente com a variedade de gêneros é um ato prazeroso, que permite, inclusive, acompanhar as transformações que caracterizam as práticas sociais. A oralidade é uma forma de interação utilizada entre os sujeitos, que ao fazer uso desse gênero tem relação não apenas entre si, mas com tudo ao seu redor. Silenciamento é representado neste estudo, pelo oposto da prática da oralidade, é representado pela dificuldade em expressar opiniões, questionamentos e interesses. O objetivo desta pesquisa foi analisar a importância da prática da oralidade nas aulas de língua portuguesa, em uma turma do 6º Ano, do Ensino Fundamental II, como ação estratégica para o rompimento do silêncio do aluno, com base na realidade de uma escola da rede pública de ensino de Caraúbas-RN. Os procedimentos metodológicos consistiram em uma pesquisa do tipo exploratória e investigativa, tendo em vista que os objetivos propostos conduziram o pesquisador a análises iniciais, preliminares sobre os dados coletados. Realizamos para isso uma pesquisa de campo em uma escola da rede pública municipal de ensino, situada na zona urbana da cidade de Caraúbas-RN, com alunos do 6º Ano daquela unidade. Os resultados apontam para a importância da prática da oralidade nas aulas de língua portuguesa como ação estratégica para o rompimento do silêncio, sendo que o domínio da linguagem faz com que o discente seja mais participativo nas aulas. Ambos os alunos apresentaram oscilações, quanto à participação nas aulas, porém, à medida que dominam a oralidade, conseguem interpretar as informações, transformando-as em conhecimentos.

Palavras-chave: Domínio da Oralidade; Sujeito Ativo; Silêncio.

ABSTRACT

When teaching the Portuguese language, working pedagogically with the variety of genres is a pleasurable act, which even allows for the evolution that accompanies social practices. Orality is a form of interaction used between subjects, who, when using this object, have a relationship not only with each other, but with everything around them. Silencing is the act of remaining silent, which is essential for the formation of individuals capable of communicating by adding the skills of reading, writing, speaking and listening. The objective of this research was to analyze the importance of practicing orality in Portuguese language classes, in a 6th year class, of Elementary School II, as a strategic action to break the student's silence, based on the reality of a school in the network public education system in RN-Caraúbas. The methodological procedures consisted of exploratory and investigative research, considering that the proposed objectives led the researcher to construct studies. Furthermore, field research was carried out in a municipal public school, located in the urban area of the city of RN-Caraúbas, with 6th year students from that unit. The results prove the importance of practicing speaking in Portuguese language classes as a strategic action to break the silence, and mastering the language makes the student more participative in classes. Both showed fluctuations when participating in classes, however, as they mastered speaking, they were able to interpret the information, transforming it into knowledge.

Keywords: Mastery of Orality; Active Subject; Silence.

¹ Discente do curso de Letras-Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Professora adjunta da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutora em Ciências Sociais.

1 INTRODUÇÃO

No ensino da língua portuguesa, trabalhar pedagogicamente com a variedade de gêneros é um ato prazeroso que permite, inclusive, acompanhar as transformações que acompanham as práticas sociais. Os gêneros orais podem ser definidos por aqueles que usam a língua falada, essa prática é principalmente utilizada no cotidiano, por essa razão, provavelmente, passa a ser desvalorizada no ambiente escolar. Consequentemente, os casos de ensino usado por essa modalidade geralmente são para aplicação de seus respectivos conteúdos e discussões.

Considera-se que este estudo é importante porque, além de outros aspectos que foram analisados ao longo do trabalho, a oralidade é uma forma de interação utilizada entre os sujeitos, que ao fazer uso do gênero oral diálogo tem relação não apenas entre si, mas com tudo ao seu redor. E quando não há interação, não há ligação entre os envolvidos, o que pode levar ao silêncio indesejado. Para nortear esta análise, embasamos nosso trabalho de pesquisa nos pressupostos teóricos de Celso Ferrarezi Júnior, em *Pedagogia do Silenciamento* (Ferrazi Junior, 2014).

Silenciamento possui certa relação com a pedagogia tradicional, sobretudo com práticas pedagógicas que evitam discussões, debates, onde o professor, em geral, detém todo o saber, sem reconhecer que o aluno possui conhecimento e a aprendizagem passa a ser uma relação de apenas um que fala diante de todos aqueles que devem permanecer em silêncio para aprender (Ferrarezi, 2014). A multidisciplinaridade das habilidades de saber algo, saber comunicar e ampliar o que se sabe a partir da relação de comunicação com o outro, não pode ser esquecida e necessita de dedicação para a elaboração de atividades voltadas para cada uma delas, nas diferentes disciplinas da formação escolar.

Em muitos momentos na sala de aula observada é perceptível em alguns alunos o silêncio quando o professor sugere atividades orais, esse silêncio pode ser compreendido através de diferentes fatores, mas o principal dentre eles, é a timidez e a falta do hábito de falar, discutir, apresentar novos pontos de vista na sala de aula, visto que comumente o estudo desta habilidade no Ensino Fundamental I prioriza a escrita, geralmente a prioridade desse ensino é a ortografia.

As escolas são consideradas como “[...] poços profundos de silêncio que se perdem na escuridão e na solidão de seu próprio fundo” (Souza, 2017, p.1). Assim entende-se que é devido a este fato, que muitos alunos chegam ao ensino superior sem condições de expressar

seus questionamentos e reflexões, além de dificultar a verbalização de seus interesses. Em vista disso, entender o motivo do silêncio e dessilenciar resulta em transformar o padrão de organização da educação, provocando o questionamento das relações de poder em sala de aula.

Tendo em vista os argumentos expressos, surgiu a seguinte indagação: qual a importância da prática da oralidade nas aulas de língua portuguesa, junto aos alunos do 6º Ano, do Ensino Fundamental II, como ação estratégica para o rompimento do silêncio?

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a importância da prática da oralidade nas aulas de língua portuguesa, em uma turma do 6º Ano, do Ensino Fundamental II, como ação estratégica com o gênero diálogo para o rompimento do silêncio do aluno, com base na realidade de uma escola da rede pública de ensino de Caraúbas-RN.

Os objetivos específicos corresponderam à: a) descrever as características da prática da oralidade b) verificar como esta prática contribui para a quebra do silêncio do discente e, consequente, entrosamento nas aulas de língua portuguesa c) avaliar a realidade do desenvolvimento desta prática junto aos alunos do 6º Ano, do Ensino Fundamental II, em uma escola da rede pública de ensino de Caraúbas-RN.

A relevância deste estudo levou em consideração a importância que a prática da oralidade tem para o desenvolvimento da aprendizagem do discente, de modo que o educador deve explorar este recurso pedagógico oral para motivar e inserir o aluno no processo de aprendizagem, quebrando o silêncio ocasionado pelo não domínio desta habilidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo sobre as transformações educacionais que afetam o sujeito que aprende leva em consideração o domínio da linguagem e a prática da oralidade como mecanismo que impulsiona o desenvolvimento do saber, através da aquisição de habilidades intelectuais.

O gênero oral segundo Swales (1990, p. 58) é o conjunto de componentes de comunicação, que “[...] compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham com certo conjunto de propósitos comunicativos”.

A comunicação é a característica primordial dos gêneros, pois sua principal finalidade é a partilha de uma mensagem, seja esta uma notícia, opinião ou orientação dentre tantas outras. Swales (1990) firma que o propósito comunicativo é a base de maior importância na definição de gêneros e certifica que o gênero compreende um conjunto de eventos comunicativos que constituem uma comunidade discursiva que constrói a razão subjacente ao gênero.

Desse modo, o propósito comunicativo é fundamental no processo da definição de gêneros. Vale salientar como características dos gêneros as suas diferentes formas de comunicação, Bhatia (1993, p. 13) destaca que, o gênero “[...] é caracterizado essencialmente pelo(s) propósito(s) comunicativo(s) que pretende realizar”.

A priorização dos gêneros textuais no ambiente escolar possibilita o desenvolvimento da oralidade e da escrita, considerando que um pode ser suporte para o outro, respeitando o contexto de cada situação. Sobre a inserção dos gêneros textuais, Marcuschi (2003) afirma que o trabalho com gêneros textuais é uma importante oportunidade de domínio da linguagem, sendo esta uma estratégia eficaz para consolidação da aprendizagem.

Aquele que tem como base o som transmitido pela fala humana, pode ser uma definição de gêneros orais. O uso de gêneros orais é antecedido por regras que determinam os falantes. O emissor usa a linguagem em diversos meios de comunicação, seja ela, informal, como uma conversa com um amigo, ou formal, como por exemplo, uma reunião com seu chefe de trabalho. Também podem ser considerados gêneros orais aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte. Assim, os gêneros orais caracterizam-se como:

[...] instrumentos – ou melhor, mega instrumentos, visto que podemos considerá-los como a integração de um grande conjunto de instrumentos num todo único – que fazem a mediação da atividade de linguagem comunicativa. Falta-nos ainda escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem, e talvez mesmo devam tornar-se objeto de ensino (Dolz, Schneuwly, 2004, p. 174).

Existe uma diversidade de gêneros orais, sejam eles trabalhados em sala de aula ou fora do ambiente escolar, alguns deles são: diálogo, seminários, debates, entrevistas, discursos, relatos, relatório, conferência. Instruir sobre a diversidade de gêneros textuais, escritos e orais faz com que o indivíduo desenvolva as habilidades de falar, de escrever e ler, tornando-o um cidadão com pleno domínio da língua e uma pessoa comunicativa que consegue interagir em diversos contextos.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 125) afirmam que, “[...] embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula, afirma-se frequentemente que ela não é ensinada a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas”. É necessário, que a escola se impregne de situações diárias que permitam aos alunos vivências ousadas no quesito do uso da oralidade.

Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que os gêneros se constituem como um ponto de referência concreto para os alunos, pois proporciona a expansão da sua percepção em relação

aos elementos e eventos que se processam no meio onde estão inseridos. Desta forma, o professor tende a trabalhar a oralidade com os alunos de forma que estes possam estabilizar elementos formais e rituais das práticas para que haja a organização das sequências textuais.

A oralidade do aluno em diversos meios sociais faz com que ele vivencie experiências e modalidades da língua que podem ser levadas até a sala de aula e também aos mais diferentes meios sociais. Matêncio (2001) insiste que o trabalho desenvolvido pela escola, possibilita ao aluno refletir sobre os métodos de funcionamento da linguagem, associando-o ao uso ativo que o indivíduo faz da língua, trazendo um ponto positivo em suas perspectivas de socialização. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propõem para essa discussão:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilita acesso aos usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (Brasil, 1998, p.67).

Observa-se que nas orientações constantes nos PCN; destaca-se a importância de trabalhar o uso de gêneros textuais e orais nas aulas de língua portuguesa no Ensino Fundamental II, destacando diretamente a fala do aluno, esse que pode ser influenciado positivamente para o desenvolvimento de sua autonomia, Marcuschi (1997), salienta que:

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma postura (Marcuschi, 1997, p. 39).

A expressão oral deve ser vista com a mesma importância da escrita nas aulas de língua portuguesa, visto que a oralidade não é um complemento, por isso ela deve ser priorizada como qualquer outra competência de ensino. O desenvolvimento de atividades orais pode fortalecer o indivíduo com diversas habilidades e expressões. Praticar o gênero oral em sala de aula é poder identificar a variedade dessa modalidade e, também, ter esse elemento como possibilidade avaliativa. Diante das observações realizadas na Escola Municipal Jonas Gurgel é possível perceber algumas práticas de oralidade desenvolvidas em algumas aulas de língua portuguesa, como por exemplo: leitura compartilhada, recitação de poemas, contação de histórias e debate.

O professor tem papel fundamental na interação como contribuição para o processo de aprendizagem de seus educandos, pois ele faz o papel de mediador dando alicerce às constituições necessárias de ensino, que segundo Tassoni (2000) o processo de aprendizagem ocorre por intermédio de interações sucessivas entre os sujeitos que desenvolvem esta prática.

Assim, o convívio e a troca de experiências orais levam o sujeito a pensar e a agir de diferentes formas, construindo novos conhecimentos.

No decorrer do século XXI, ainda existem espaços na sala de aula que oferecem pouco espaço de fala e de escuta entre alunos e professores. Alguns discentes não apresentam uma boa ortografia e organização textual, e esta adversidade na escrita pode distanciar o discente da aula e promover o silêncio, impedindo sua comunicação.

Promover a autonomia do aluno durante a aula pode ser um meio de libertá-lo e fazê-lo interagir, tal como sugeriu Freire (2018) ao propor uma educação crítica, com a intenção de possibilitar ao aluno uma experiência em sala de aula mais reflexiva e participativa, que melhora a relação ensino-aprendizagem e oferece ao professor a possibilidade de facilitar esta interação entre o conhecimento e o aluno, descrevendo que deve haver a substantividade do conteúdo para que o discente absorva a informação e o transforme em conhecimento.

Desta forma, considera-se que o ato de ensinar e aprender correspondem a uma série de esforços que tem o professor como figura central da mediação, porém, este deve fazer com que o aluno seja protagonista da sua própria progressão educativa, sendo a oralidade uma das práticas-base para que esta evolução aconteça (Freire, 2018).

A importância da interação constante entre aluno e professor na sala de aula para que o conhecimento construído em conjunto seja significativo, onde o aluno pode se destacar através de um papel mais relevante em sua formação, podendo obter maior autonomia durante seu processo educacional faz da escola um lugar mais acolhedor.

Dentre as tarefas principais que podem ser mencionadas como práticas educativas e de caráter crítico, está o domínio da linguagem, pois esta gera um maior aprofundamento do posicionamento crítico do sujeito, ao passo que este tende a reconhecer os elementos que estão no seu entorno (Freire, 2018).

A boa interação entre aluno e professor pode proporcionar o surgimento de habilidades positivas na vida escolar e também na vida social. Marcuschi (2003) esclarece que o homem, a partir de sua especificidade, é um ser que fala, mas a fala implica em aspectos dependentes de conhecimentos que ultrapassam os meios linguísticos, aplicando-os aos não linguísticos. Freire (2005) dá destaque a ampla valorização do diálogo como importante instrumento na formação dos sujeitos. No entanto, o autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores quando o diálogo possui um lugar central em sua relação com os educandos e para compreender melhor essa prática Freire (2005) explica que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e

humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2005, p. 91).

Durante as aulas que trabalham diretamente com a oralidade percebe-se que alguns alunos do 6º ano A da escola Jonas Gurgel com faixa etária entre 11 e 13 anos, não participam ativamente de modo interativo das aulas, ou mesmo não participam minimamente delas, podendo ser identificados como alunos que simplesmente se silenciam. Na aula do dia 24/04, por exemplo, onde foi trabalhado o dia do livro, o professor utilizou o dicionário para procurar diferentes palavras e seus respectivos significados, solicitando aos alunos que, após encontrar as palavras solicitadas, cada um teria que fazer a leitura do significado.

Alguns alunos ficaram em silêncio até o final da atividade, mesmo aqueles que conseguiram encontrar as palavras dadas como tarefa, eles não fizeram a leitura dos significados das palavras. Sabendo que alguns desses alunos apresentam uma boa oralidade e uma boa escrita, podemos defini-los como pessoas tímidas. Pode-se definir a timidez como “[...] a tensão e a inibição em situações sociais” (Cheek; Buss, 1981, p. 330). A tensão produzida dentro do ambiente escolar pode gerar a timidez, dando chance ao silêncio.

Silenciar é fazer com que uma pessoa ou determinado grupo fique em silêncio ou não se manifeste sobre determinado assunto. A questão do silenciamento é um tema que pode ser bastante estudado, pois o silenciamento se manifesta na escola de diversas formas, nos professores e nos alunos. Assim, a expressão do silêncio pode aparecer de diferentes formas: naquele aluno que não entende, mas não se manifesta explicitando sua dificuldade, naquele aluno que não sente segurança em sua resposta, naquele que tem vergonha de falar em público, naquele ainda que não consegue expressar suas ideias, naquele que lê e não entende, naquele ainda que se sente oprimido pelo professor. Trazer a oralidade para a sala de aula constantemente pode influenciar no rompimento do silenciamento.

Ferrezezi Júnior (2014) discorre sobre esse silêncio – que vai além do “silêncio da boca”, que influencia a vida pessoal do indivíduo, quando expressa suas ideias, no posicionamento diante dos fatos da vida, na autonomia, na leitura e na escrita. O autor orienta que os silêncios impostos nas escolas estão relacionados com a apreensão dos professores de conseguir dominar a turma e repassar conhecimentos, tornando-se uma busca perene pelo silêncio.

Moraes (2003) descreve que as salas de aula são espaços propícios ao desenvolvimento e troca de experiências que ocorrem através da manipulação de materiais, da exploração dos diferentes ambientes, de modo que não existe o silêncio durante esta interação, pois o discente coloca-se como construtor das suas próprias obras.

Piaget (1982), também fala que é necessário que o educador disponha de um método mais livre ou autônomo de ensinar, uma maneira não obrigatória ou que sempre pareça contar como uma avaliação individual, para que esse aluno conquiste liberdade intelectual e pensamento autônomo. Piaget (1982) afirma que o preparo do sujeito, na vida escolar, pode ser insuficiente para que este adquira a sua liberdade intelectual, pois existem tendências como é o caso das tradições e costumes culturais, que acabam por limitar e/ou condicionar o modo de pensar e agir do sujeito. Assim, a prática da oralidade é eficaz para a reversão deste cenário do silêncio, pois modifica o comportamento do aluno, tornando-o mais ativo e motivado a expor seu ponto de vista sobre determinado assunto.

Para Orlandi (2013) o silêncio é uma construção histórica dentro da sociedade, ou seja, ele já existe na sociedade, como por exemplo, podemos citar a crítica que intimida o ser humano e faz parte da sua vivência diária. A crítica ou censura é uma forma de silenciar vozes na sociedade que sejam impróprias aos interesses de certos integrantes de determinada comunidade, como explicado na citação a seguir:

E que chega a nos fazer compreender de modo interessante o que é, por exemplo, a censura, vista aqui por nós não como um dado que tem sua sede na consciência que um indivíduo tem de um sentido (proibido), mas como um fato produzido pela história. Pensada através da noção de silêncio [...], a própria noção de censura se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos (Orlandi, 2013, p. 13).

Para lidar com um aluno que foi silenciado em todos os aspectos presentes durante a aula de língua portuguesa, consta nas orientações dos PCN, que o estudo da língua portuguesa deve ser direcionado às diferentes formas de linguagens existentes, nos mais variados contextos, sendo que a unidade básica da linguagem verbal é o texto, pois a compreensão da fala e do discurso que é produzido, potencializa a função comunicativa.

O ensino de língua portuguesa nessa situação, deve direcionar o texto como a unidade básica, considerando a linguagem verbal como principal elemento. Ainda segundo as orientações constantes nos PCN, “[...] o aluno deve ser considerado um produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constitui como ser humano” (Brasil, 2000, p. 18). Destaca-se aqui o domínio da escrita, onde podemos identificar, características de uma comunicação entre indivíduos. No entanto, como esse texto pode simbolizar um indivíduo silenciado? A proposta dos PCN é que o professor, enquanto mediador, deve ouvir esse aluno antes de fazer com que ele leia, interprete e produza textos com base em uma teoria, usando determinada norma ou seguindo determinada estrutura textual.

A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato

interlocutivo. Semelhante distorção é responsável pelas dificuldades dos alunos em compreender estaticamente a gramática da língua que falam no cotidiano (PCNEM, 200, p. 18).

Desse modo, destacam-se as políticas de fechamento das quais discorre Mendonça (2006), onde trata sobre leitura, produção de texto, discursos elaborados, reflexões sobre variações linguísticas e a norma culta. Assim, ressalta-se a importância do professor de língua portuguesa como mediador na relação entre o aluno e o objeto do conhecimento.

As aulas de língua portuguesa observadas no 6º “A” da escola Jonas Gurgel destacam o silêncio durante as atividades orais, o que faz com que o desenvolvimento dessas atividades nem sempre alcancem os objetivos esperados. Além disso, pode haver determinados descontroles emocionais no aluno. Não se pode deixar de levar em consideração que também pode estar relacionados ao problema do silenciamento, a questão da faixa etária dos alunos, a mudança de nível de ensino e a adaptação à maior quantidade de professores, quando se trata de discentes que estão passando da etapa do Ensino Fundamental I (aqueles que vieram do 5º Ano) para o Ensino Fundamental II (chegando ao 6º Ano).

Dentro do ambiente escolar existe um evento grandioso que é destaque da escola o “show de valores”, projeto esse que trabalha diretamente com a melhoria da capacidade de leitura oral junto aos discentes daquela escola. O projeto acontece no 4º bimestre do ano letivo, sendo uma das avaliações do bimestre. Ele é trabalhado em todas as turmas de fundamental I, II e EJA, sendo que o mesmo é desenvolvido através de apresentações, de modo que cada turma fica responsável em desenvolver uma encenação de acordo com o tema definido. No instante dessas exibições são desenvolvidas em peças teatrais, músicas, declamação de poemas, capoeira e encenações de obras literárias.

Este projeto consiste em oferecer aos alunos uma melhor competência comunicativa, ele trabalha a oralidade com um público maior e diversificado, diferente da realidade da sala de aula. A articulação oral do aluno reflete diretamente em seu contexto social, ela varia de acordo com a situação, como uma conversa com uma autoridade, uma atividade em sala de aula ou uma apresentação oral com um público maior, a expressão oral dos alunos deve ser trabalhada em diversas formas e analisada como fator determinante no sucesso de uma apresentação.

Quando o aluno concorda de imediato com a situação exposta pelo professor ou não apresenta algum argumento para não participar, ele está demonstrando o seu não entendimento e fixa o silenciamento em toda a sala de aula. Pode-se considerar o silenciamento um fenômeno que se dá na relação do sujeito com outros sujeitos e com o contexto nos quais está inserido, portanto, não é um fenômeno individual, mas coletivo.

Dessa forma, a transformação para melhor atuação do aluno em sala de aula tem que ser em conjunto com o professor. Etcheverria (2008) ressalta que no ambiente da sala de aula a postura questionadora do professor e do aluno corresponde a uma prática eficaz de reconstrução do conhecimento, uma vez que este é um recurso que cabe a qualquer procedimento pedagógico. Ou seja, a postura questionadora é um instrumento de ensino-aprendizagem que se adequa às diferentes situações.

O silenciamento na sala de aula está atrelado a uma hierarquia onde o modo de atuação é definido por uma classe dominante. Assim, dessilenciar resulta em transformar o padrão de organização da educação, provocar o questionamento das relações de poder em sala de aula, trazendo a oralidade como componente indispensável. Com a ausência de uma hierarquia rígida o aluno passaria a ter mais autonomia de questionar em sala de aula, podendo assim opinar na sua própria formação, em uma prática que pode transformar o seu contexto educativo. De acordo com Freire (2008, p.108), “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir [...] Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, e vir a ser”.

Trabalhar na perspectiva de desenvolver a comunicação entre todos os alunos pode ser um fator que ajude a superar as dificuldades em torno do silenciamento, iniciando por atividades que trabalhem a questão da timidez, por exemplo, que pode melhorar a expressão oral daquele aluno que permanece sempre em silêncio.

Também podem ser trabalhadas diferentes situações de aprendizagem nas quais os alunos possam começar a desenvolver atividades orais e aumentarem a sua interação durante as aulas. As atividades orais desenvolvidas pelo professor de língua portuguesa do 6º ano da Escola Jonas Gurgel são desenvolvidas de diversas formas, como por exemplo, nas atividades de leitura em grupo e individuais, relacionando oralidade e escrita. Com isso, a leitura se constitui em uma atividade oral que mais é desenvolvida em sala de aula, prática essa que é muito importante para o desenvolvimento da turma.

3 METODOLOGIA

Descreve-se esta pesquisa sendo do tipo exploratória e investigativa, tendo em vista que os objetivos propostos conduziram o pesquisador a explorar ideias iniciais, introdutórias, a construir estudos, pautados em uma revisão de literatura sobre o tema em debate, destacando a importância do desenvolvimento de práticas orais, relacionadas ao conceito de silenciamento,

junto ao público alvo. Para tanto, foi construído um referencial teórico sucinto que consistiu em breve revisão bibliográfica, elencadas a partir da análise de citações, conceitos e posicionamento dos autores referenciados nesta pesquisa.

Ainda foi feita uma pesquisa de campo em uma escola da rede pública municipal de ensino, situada na zona urbana da cidade de Caraúbas-RN e que atende a discentes matriculados no Ensino Fundamental I e II e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O público alvo correspondeu aos discentes do Ensino Fundamental II, especificamente os discentes do 6º Ano. O instrumento de coleta de dados correspondeu a anotações feitas pela pesquisadora, no momento em que observou as aulas do professor regente de classe na turma do 6º Ano “A” do turno vespertino, durante as aulas de língua portuguesa, desenvolvidas no período de atividades de pesquisa de campo.

Tendo em vista este cenário, procedeu-se com o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, que optou por uma metodologia qualitativa. A observação no ambiente escolar procura recolher e registrar fatos reais sem a utilização inicial de aplicação de questionário ou realização de entrevista.

Observar é poder vivenciar e compreender a situação, é tirar o máximo possível das características da situação na qual se está inserido. Antes de iniciar a observação é necessário expor quais seus objetivos, quais suas questões de pesquisa e o que deseja observar naquele determinado contexto escolar (Gil, 2002). A observação pode ser vista de diferentes modos, pode variar de acordo com o observador e seu objetivo naquele ambiente, tendo em vista que:

É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas enxerguem diferentes coisas. O que cada pessoa seleciona para ‘ver’ depende muito de sua história pessoal e principalmente da sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (Lüdke; André, 1986, p.25).

A análise dos dados obtidos foi feita através de textos dissertativos que refletem o posicionamento da pesquisadora sobre o estudo construído com base nas ideias e argumentos dos autores referenciados, bem como nas informações colhidas na pesquisa *in loco* e interpretadas, conforme os objetivos propostos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Jonas Gurgel, situada na zona urbana de Caraúbas-RN, localizada na Rua Professor Lourenço Gurgel, número 52, no bairro

Leandro Bezerra. A Escola Municipal Jonas Gurgel foi inaugurada em 11 Abril de 1969.

Em relação a estrutura física, o ambiente contém sete salas de aulas, sala de AEE, secretaria, banheiros, sala da direção, biblioteca, sala de professores, cozinha, sala de informática e pátio. Todos os espaços contêm acesso à internet e conta com acessibilidade para os alunos com necessidades especiais. A escola tem em média 380 alunos, divididos entre o ensino fundamental I e II e EJA, sendo a única escola da zona urbana do município que oferta o ensino da EJA.

Escola: a escolha por esta escola e sala de aula, em particular, aconteceu pelo fato de que a pesquisadora esteve presente naquele espaço lecionando durante 30 dias a disciplina de Educação Física, substituindo um professor do quadro docente que também leciona na referida turma, onde foi trabalhado as diversas práticas de atividades físicas, as consequências do sedentarismo e as doenças que o mesmo pode causar. Mesmo não lecionando língua portuguesa, observei um bloqueio por parte de alguns alunos quando desenvolvia atividades orais. Inserida naquele ambiente, optei por trabalhar com a realidade que estava vivenciando, o que facilitou o meu trabalho, pois já existia conhecimento e aproximação com a turma.

Alunos: turma do 6º ano “A” que é composta por 20 alunos, com faixa etária entre 11 e 13 anos, sendo 9 meninas e 11 meninos, e que dispõe de um professor auxiliar para ajudar 2 alunos com necessidades especiais. Como a observação se deu no primeiro bimestre do ano letivo, dentre as dificuldades apresentadas pela turma, estava o processo de adaptação com o Ensino Fundamental II, a quantidade de professores, a sequência de aulas divididas em cinco disciplinas em um mesmo dia.

Durante as aulas observadas percebeu-se que alguns alunos apresentavam timidez para esclarecer dúvidas com o professor, durante as atividades ou explicações, assim dificultando o desenvolvimento da sua aprendizagem. A escrita de alguns alunos ainda não permitia compreender bem as frases escritas, haviam palavras incompletas; outros não atingiam um bom nível de fluência na leitura e existia ainda, um aluno que não conseguia escrever, porém, este aluno é diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e desenvolvia suas atividades através de desenhos ou oralmente.

Aluno com deficiência: é importante ressaltar que a prática oral para os alunos com necessidades especiais é o meio primordial para o desenvolvimento das competências desses alunos. Observou-se que eles conseguem interagir muito bem a partir das práticas orais e esse fato é relevante para o desempenho dos alunos com necessidades especiais, pois sabe-se que eles geralmente apresentam dificuldades em algumas atividades escritas e quando a oralidade é vista como possibilidade de ensino, tornar-se oportunidade de aprendizagem significativa e

inclusiva.

Professor de língua portuguesa: verificou-se que o professor de língua portuguesa da turma do 6º ano “A” desenvolve sua prática pedagógica conforme as necessidades da turma, sempre planejando suas aulas de maneira dinâmica para que possa incluir todos os alunos, com marcante presença de atividades orais.

A proposta de trabalho apresentada pelo professor para as aulas de língua portuguesa valoriza a prática da leitura oral, considerando que a turma necessita evoluir no domínio da linguagem, pois alguns discentes têm dificuldades em ler e interpretar textos, fator este que os condiciona a ficar em silêncio, em determinados momentos da aula.

Para melhor fundamentar as ideias e posicionamentos expressos nesta pesquisa, foi feita uma análise das aulas do professor efetivo de língua portuguesa, junto a turma do 6º Ano na escola campo de pesquisa quando foi feita uma análise diagnóstica da realidade dos discentes quanto à prática de leitura oral.

A primeira observação foi no dia 20/03/2023, onde foi trabalhado o livro didático de língua portuguesa com o conteúdo sobre regras ortográficas. O professor explicou as noções de pontuação, uso de letras maiúsculas e minúsculas, singular e plural, depois responderam a atividade no livro. A segunda observação aconteceu no dia 27/03/2023, onde a atividade consistia em um texto do livro didático para a turma fazer a leitura em voz alta, depois relatar o texto e por fim realizar a atividade de interpretação do texto. A terceira observação ocorreu no dia 03/04/2023 e neste dia, o professor iniciou a aula com uma leitura, logo após destacou os elementos do texto e passou como tarefa para a turma a produção de um texto sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

Podemos analisar com relação às três atividades de sala de aula descritas acima que, conforme apontam os estudos de Freire (2008) o desenvolvimento de habilidades de oralidade faz com que o aluno se torne mais autônomo na sua aprendizagem, uma vez que a capacidade ler e interpretar informações, faz com que este se torne mais ativo, com voz ativa nas discussões do seu grupo e ainda proporciona a construção de conceitos, posicionamentos e ideias próprias e coerentes com a realidade observada.

Percebemos, ainda, que estas atividades tiveram a intenção de trabalhar a compreensão, a escrita e a oralidade dos alunos. Na aula do dia 20.03 a intenção do professor em favorecer a gramática se levou em decorrência que a ausência de noções linguísticas pode influenciar uma carência na escrita e afetar diretamente a oralidade. A língua oral é mais abundante do que a escrita, por se tratar de algo que a maior parte das pessoas podem usar, afinal elas já nascem capacitadas para ouvir e falar, mas a escrita pode ser a maneira mais

acessível para aqueles que não conseguem se expressar oralmente.

A leitura em sala de aula de textos do livro didático no dia 27.03, põem em prática o uso da oralidade, no decorrer da leitura é notório a compreensão do texto, a quantidade de participantes, a tonalidade da voz, o silêncio, entre outras características, É interessante considerar que uma quantidade significativa de alunos não interagem durante o decorrer da aula, esse fato pode se dar por conta da timidez demonstrada por eles. A língua deve ser trabalhada e estudada em sala de aula, ela deve ser vista como uma ponte de conhecimento, encaixando também as regras gramaticais flexibilizando o ensino de forma dialógica para os alunos se tornarem sujeitos ativos em meio a sociedade.

A quarta observação aconteceu no dia 17/04/2023, onde o trabalho pedagógico do professor referiu-se aos elementos de um texto, onde constava a caracterização dos personagens primários e secundários, além de quando aconteceram os fatos, apresentação, desenvolvimento, clímax e o desfecho. O professor levou um texto narrativo e mostrou como era dividido e logo após passou a atividade no quadro para ser escrita pelos alunos no caderno.

A última observação ocorreu no dia 24/04/2023, onde o professor trouxe dicionários para os alunos aprenderem a pesquisar o significado das palavras e também trabalhar o dia do livro que havia se comemorado um dia antes, então escreveu algumas palavras no quadro e pediu para que os alunos pesquisassem o seu significado, orientou como se procuravam as palavras no dicionário, pois para alguns daqueles alunos, era o seu primeiro contato com aquele tipo de livro. A aula foi bastante produtiva e os alunos quando encontravam as palavras faziam a leitura do seu respectivo significado e a maior parte da turma participou da aula. O dicionário é uma ferramenta indispensável no ensino e ele é um elemento crucial para a oralidade.

A análise feita destas duas últimas atividades de sala de aula observadas, revelou que a turma do 6º Ano apresenta deficiências quanto ao domínio da leitura oral, fato este que leva os discentes a manterem-se em silêncio durante as atividades, muitas vezes por causa do não entendimento e/ou limitação quanto à interpretação das informações a que são expostos.

Esta dificuldade de interpretação deve-se à carência da prática de leitura, a ausência do hábito de ler pode afetar a fala e a escrita, o ato de leitura pode possibilitar a incorporação de uma escrita melhor e também a fala. Muitos alunos se sentem desafiados a desenvolver qualquer ato de fala em sala de aula, eles se sentem pressionados por estar diante da sua turma tremendo que os seus colegas estão julgando o seu desempenho.

O nervosismo, apresentado por alguns discentes, diante de algumas situações que exigem a fala durante as aulas de língua portuguesa observada deixou alguns dos alunos do 6º

ano “A” da escola Jonas Gurgel transparecer nervosismo, a voz trêmula, o medo do julgamento leva ao aluno um bloqueio no decorrer da oralidade causado pela insegurança.

No que se refere a contribuição dos autores referenciados à análise, foi possível entender que a oralidade expande os horizontes do conhecimento do aluno, faz com que ele adquira e aperfeiçoe a capacidade de percepção dos elementos que compõem o meio no qual interage. Assim o aluno deve ser um produtor de textos, deve ter voz ativa e constante nas discussões construídas em sala de aula, pois assim estará lapidando a sua intelectualidade e formando-se como cidadão atuante na sociedade.

A oralidade é o principal meio de comunicação entre os indivíduos, ela se designa diariamente na nossa rotina, sendo mais utilizada do que a escrita. Para despertar o interesse pela oralidade nos alunos, é necessário que haja incentivo para desenvolver na escola práticas pedagógicas orais significativas para os alunos, principalmente por parte dos professores, que devem mediar o conhecimento. Durante as observações das aulas e das atividades constatou-se a predominância da timidez na maior parte da turma, sendo que esta pode ser causada pela insegurança em estar em uma nova fase de ensino, a adaptação com a quantidade de professores e a divisão das aulas. Identificou-se, ainda, que a maior parte da turma não tem o hábito de ler, o que pode revelar uma carência de temas e de conteúdos que estimulem a oralidade durante as aulas.

Por fim, é necessário que os professores desenvolvam práticas pedagógicas que possam trabalhar diretamente com a oralidade dentro e fora do contexto escolar e produzir atividades que ajudem a combater a timidez que ainda persiste em muitas salas de aula; assim a priorização da oralidade em aulas de língua portuguesa pode afetar positivamente a vida na escola e fora dela, aumentando a capacidade de reflexão e de autonomia de cada estudante, independente de sua faixa etária e nível escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa foi possível responder a pergunta expressa e alcançar os objetivos propostos, tendo em vista que a revisão de literatura, feita nas obras dos autores referenciados, somada à pesquisa de campo revelaram dados específicos que comprovam a importância da prática da oralidade nas aulas de língua portuguesa, junto aos alunos do 6º Ano, do Ensino Fundamental II, como ação estratégica para o rompimento do silêncio, fazendo com que o domínio da linguagem torne o discente mais participativo nas aulas.

Foi possível verificar que a prática da oralidade é constante na realidade das aulas

de língua portuguesa em uma turma do 6º Ano do Ensino Fundamental II pois estes discentes apresentaram oscilações, quanto à participação nas aulas, porém à medida que dominam a oralidade, conseguem interpretar as informações, transformando-as em conhecimentos e assim se motivam a participar das discussões.

De acordo com as observações realizadas em sala, concluiu-se que o uso da oralidade durante as aulas de língua portuguesa ainda não é priorizado como o uso da escrita e nem é vista como uma possibilidade de avaliação onde pode-se destacar o uso de avaliações somente sob o formato tradicional, quer dizer, sob a modalidade escrita. Nesse sentido, é possível sugerir a superação deste modelo, incorporando às modalidades de avaliação, gêneros orais, tais como textos literários diversos, contos, poemas, poesias, textos narrativos, entre outros que podem ser adequados à faixa etária do 6º ano do fundamental, através de leituras orais individuais e grupais, soletrar palavras, etc.

Conforme foi observado na prática do professor de língua portuguesa, os trabalhos orais são geralmente desenvolvidos a partir do segundo bimestre do ano letivo, atividades essas que geralmente acontecem sob a forma de apresentações ou de interpretações de textos. A quebra do silêncio ocorre ao passo que estes avançam no domínio da linguagem.

Como sugestão para futuros estudos sobre esta temática, é interessante haver uma avaliação constante do desempenho dos discentes no que se refere ao domínio da leitura, observando o ritmo de evolução dos seus conhecimentos proporcionados pela prática da oralidade, como também, verificar a eficácia deste procedimento na quebra do silêncio.

6 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua portuguesa. Ensino médio. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf . Acesso em: 06- 02-2023.

CHEEK, J. M.; BUSS, A. H. apud ALMEIDA, T. Shyness and sociability. **Journal of Personality and Social Psychology**, 21, 1, 330 – 339. Ano 1981. (Traduzido para a Língua Portuguesa).

ETCHEVERRIA, T. C. **A Problemática no Processo de Construção de Conhecimento**. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; AUTH, Milton; MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (Org). Aprender em Rede na Educação em Ciências. Ed. Unijuí, 2008.

FERRAREZI JÚNIOR, C. **Pedagogia do silenciamento**: a escola brasileira e o ensino de língua materna. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42.^a edição, ano 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, M. C. **Língua e ensino**: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 233- 263.

MARCUSCHI, L. A. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. e 2º. Grau: uma visão crítica. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva et al (org.). **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.19-36.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus, 2003.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **O oral como texto**: como construir um objeto de ensino. In: Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J. M. **Research genres: explorations and applications**. New York: Cambridge University Press, 2004.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. São Paulo: UNICAMP, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Revista ALFA**, vol. 51 n° 1: 39-79. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426> e www.ileel.ufu.br/travaglia.